

ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Anjos e moleques

texto LIANA JOHN e foto JOÃO PRUDENTE



As águas sempre se encontram ao descer as serras. Nascidas como fiozinhos, ou em pequenas minas, lá no alto, vão engrossando e ganhando contribuições — da chuva, de outras nascentes — para se transformarem em córregos, riachos, rios. A cada encontro mudam de curso, buscam juntas novo leito, ganhando força para chegar lá embaixo. Essa é a regra também em Carrancas, Minas Gerais, terra pontuada por cachoeiras e mananciais de todo tamanho e vazão. Mas há exceções, mesmo por lá. Às vezes as águas fazem uma pausa para brincar, no meio do caminho. E promovem encontros mais animados, com respingos para todos os lados, formando poços bons de tomar banho

ou só sentar na beira, tirar o sapato e molhar os pés.

Assim é na Serra do Moleque, localizada a 12 quilômetros de Carrancas (a cidade). Lá em cima nasce um riozinho cristalino, que desce os degraus de pedra com muita espuma branca, levantando vapores leves, que ajudam dar nome a essa queda da esquerda, a Cachoeira dos Anjos. Do outro lado, à direita desta foto, chega uma corredeira do rio Capivari, vindo do Platô do Abanador, onde as primeiras águas brotam dentro de uma caverna. O encontro das duas vias se dá de frente, num tumultuado e gostoso burburinho, um convite ao intervalo nas caminhadas em meio à mata.

Dali as duas águas saem jun-

Um encontro no meio da mata, respingos para todo lado, surpresa 'boa de aproveitar'...

tas, e os 'anjos' se incorporam a rio Capivari para formar a 'Racha da Zilda', uma corredeira mais forte, que passa dentro de um cânion. Até ali se pode mergulhar em águas cristalinas, mas mais para a frente o Capivari recebe outros afluentes e águas mais turvas para desaguar bem adiante, bem maior, no Rio Grande.

Quem quiser experimentar uma dose das águas frias do encontro de anjos e moleques deve perguntar pela Cachoeira da Zilda, no centro de Carrancas ou num restaurante chamado Roda Viva. Sempre tem um guia local disposto a levar os turistas até lá. Pelo menos nas primeiras vezes, é melhor seguir com um guia, para não arriscar perder muito tempo rodando sem rumo e, como dizem alguns moradores locais mais antigos, 'atentar o capeta' que adora desencaminhar viajantes. É o que recomenda o fotógrafo João Prudente, que fez a foto acima, segundo quem, além dessas, a região também tem muitas outras quedas, poços e corredeiras, às quais só os guias sabem chegar.